

CONSIDERAÇÕES SOBRE DÊITICOS EM USO RETÓRICO: O CASO DAS HQs

Mayalu Felix*

I. DÊITICOS: A EVOLUÇÃO DA TEORIA LINGÜÍSTICA E A BUSCA POR UMA DEFINIÇÃO

Este estudo insere-se nas áreas de Semântica, Estilística e Análise do Discurso, tendo como base trabalho apresentado à Universidade de Nanterre, em Paris, durante a disciplina *Linguistique et Enonciation : approche diachronique* (Prof. Michèle Perret, Ph.D.), em 1998, e em nossa monografia de mestrado (DEA em *Sciences du Langage*, Université de Nanterre, 1999). Tornou-se patente, durante nossos estudos, a dificuldade de se definir satisfatoriamente o que chamamos de *dêiticos*, ou, como prefere Perret, *embrayeurs*, uma tradução de Jakobson para *shifters*, de Jespersen. Acreditamos que a não-definição de uma nomenclatura precisa para esse grupo de palavras decorre da dificuldade para se encontrar não só seus referentes, mas da instabilidade da relação significado-significante nesses signos.

Há problemas, na teoria lingüística, para se definir o referente de certos grupos de palavras sem se reportar obrigatoriamente à situação de enunciação. Ainda que os estudos mais contemporâneos na Ciência da Linguagem privilegiem o ato ilocutório, ou ato de fala, trabalha-se com a noção de referente, em diferentes áreas de estudo lingüístico, sem necessariamente se recorrer à situação de enunciação. Isso porque a maioria dos signos lingüísticos possui referente estável — o que não exclui o fato de que todas as palavras possuem também, em maior ou menos intensidade, caráter dêitico — ou seja, a relação entre significado e significante e a apreensão de sentidos prescinde de uma situação discursiva « real ». Ainda que Ogden e Richards tenham introduzido, em seu famoso « triângulo » representativo do signo, a noção de referente ou coisa representada¹, acrescentando à concepção dicotômica saussuriana de signo uma perspectiva externa, a Lingüística tradicional foi pouco receptiva ao estudo dos dêiticos, visto, sobretudo, sua labilidade referencial.

* Universidade Estadual do Maranhão – Uema.

¹ « symbol, thought et referent » (DUCROT e SCHAEFFER, 1995 : p. 216)

Perret observa que antes de 1960 até mesmo os estudos existentes sobre dêiticos são decepcionantes, ainda que em 1922 e em 1925 Lommatzsch já tivesse falado de dêiticos em dois artigos, e desde o início do século XX os lógicos já discutissem o assunto a fim de poder « enquadrar » a dêixis nas categorias lógicas da linguagem (podemos falar sobretudo de Russel e Frege). Brugmann, de 1904, é considerado, no entanto, o fundador da noção de dêixis, sendo ele o primeiro a propor o termo *dêitico*. Em 1922, Jespersen, por ter encontrado um alargamento dessa noção, introduz o conceito de *shifters*, que inclui, na definição de Brugmann, « um certo número de termos de relação » (Apud Perret, 1988, p. 6)² e centraliza o estudo sobre a operação de *embrayage*³, não mais sobre as palavras *dêiticos*. Resaltamos que Lommatzsch, em seus artigos, propõe classificações ao grupo de palavras que Brugmann posteriormente chamou de dêiticos. Os artigos de Lommatzsch « chamam a atenção para a oposição dos empregos [de dêiticos] em discurso direto e empregos em narração e por relacionar as pessoas do locutor e do interlocutor. » (PERRET, 1988, p. 6). Jakobson retoma essa noção e traduz *shifter*, termo inglês criado por Jespersen, por *embrayeur*, termo francês, em 1957.

Charles Sanders Peirce, por sua vez, estabelece dentro do conceito de signo os *símbolos*, os *index* e os *ícones*. A expressão *símbolo indexical* surge com Bar-Hillel (1954), e Kleiber observa que essa é a expressão mais indicada, na verdade, para definir as palavras dêiticas ou o fenômeno da dêixis. Outra solução apresentada para definir o termo *embrayeur* é a de Reichenbach, ligada à noção de *token-reflexivité*. Com isso, voltamos a Peirce e à diferença entre *type* e *token* (o conceito abstrato do signo e a ocorrência desse signo, no ato de fala). O mais importante dessa definição é o deslocamento da atenção dada ao locutor, ou ao lugar do enunciado, para o ato de enunciação, ou a ocorrência.

O texto de Georges Kleiber nos oferece uma visão geral dos problemas de definição em relação à categoria da linguagem com a qual ora trabalhamos. Segundo o texto, com o estudo dos dêiticos temos a anulação do dogma saussuriano língua/discurso, e, em conseqüência, o destaque da enunciação. Apesar de Saussure ter privilegiado a perspectiva sincrônica nos estudos da linguagem, bem como a fala, os dêiticos foram praticamente ignorados em seu *Cours de Linguistique Générale*, ao contrário das onomatopéias, por exemplo.

Várias noções simplificadoras da dêixis já foram contestadas no curso do desenvolvimento das idéias sobre a linguagem. Para G. Kleiber, da Universidade de Metz (França), « a concepção mais estreita restringe a dêixis à identificação espacial. Ela encontra sua fonte na etimologia grega do termo : o sentido de *deiknumi*, ‘mostrar por gesto’, ‘indicar ostensivamente’, ainda que favorize prioritariamente uma definição em termos de funcionamento referencial (...), conduz indiretamente a uma análise puramente localizante (...). Dirigir o olhar para o lugar onde o objeto de encontra é indicar o lugar de permanência desse objeto, é localizá-lo. » (KLEIBER, 1986, p. 4).

G. Kleiber, em seu artigo *Deictiques, Embrayeurs, Token-Reflexives, Symboles Indexicaux, etc. : comment les définir ?* (In l'Information Gramaticale, Paris, 1986, n° 30) apresenta diferentes concepções de dêixis, construídas do século XVII ao XX. Tais definições satisfariam, segundo o autor, dois eixos de abordagens — o primeiro, chamado por ele de « abordagens A », abriga as concepções que « enfatizam o lugar e o objeto de referência. ». A essas considerações « correspondem as denominações (...) dêiticos, embreantes [embrayeurs ou shifters], speechalternants (Sørensen) e particulares egocêntricos (B. Russel). » (KLEIBER, 1986, p. 4). O

² Todos os trechos de obras em língua estrangeira transcritos neste artigo foram traduzidos pela autora deste estudo.

³ O termo *embrayeur*, tradução de Jakobson para *shifter*, de Jespersen, foi traduzido para a língua portuguesa por *embreante* (Cf. Dubois et alii, 2001, p. 208).

segundo eixo, as « abordagens B », privilegiam o « modo de referência » (Idem, p. 4) — ou modo de ‘atribuição’ do referente). Essas abordagens seriam mais adequadas, segundo Kleiber. Elas referem-se aos termos « token-reflexives (H. Reichenbach, 1947), expressões sui-referenciais (E. Benveniste, 1966), indicadores (H. N. Castañeda, 1967), expressões indexicais (Y. Bar-Hillel, 1954), símbolos indexicais (A. Burks, 1948-49), index (C. S. Peirce, 1931-35) e demonstrativos (T. Burge, 1974, M. Devitt, 1974 e H. Parret, 1980). » (Ibid., p. 4). Na busca dessa relação ocorrência-referente geral, da abordagem B, percebemos mudanças terminológicas bastante importantes no início do século XX. G. Kleiber considera o termo símbolo indexical o mais apropriado, visto sua « binomialidade denominativa » (G. Kleiber, 1986, p. 17), que marca a « hibridiz semântica » (Idem, p. 17) dos dêiticos. O autor ressalta que se deve também fazer a diferença entre o emprego dêitico e um sentido dêitico próprio. Segundo o texto, há um equívoco no termo « expressão dêítica » (Ibid., p. 17). De fato, o autor separa bem o sentido dêitico do emprego dêitico, o que é de suma importância para nossas análises.

As definições de dêixis mais recentes tratam a questão do referente ligando-o diretamente ao ato de fala. O que se questiona, neste estudo, é exatamente a limitação e a instabilidade dessa definição, uma vez que na Literatura (levando-se em conta a história em quadrinhos — HQ — como gênero literário, no estudo ora apresentado) não há situação de enunciação, ato de fala real. O. Ducrot e J-M Schaeffer, acerca dessa questão, escrevem: « Em um dado contexto, uma expressão é dita ‘dêítica’ se seu referente só pode ser determinado em relação à identidade ou à situação dos interlocutores no momento em que eles falam. Algumas expressões são dêíticas em todos os contextos em que elas aparecem. » (Ducrot e Schaeffer, 1995, p. 310). Os autores apresentam, também, a dificuldade de se tratar do referente dos dêiticos na ficção : « (...) eles levam, de um modo geral (e não somente local), a aplicar ao mundo ‘real’ o que é dito na fala (...). Como o advérbio *aquí* designa, por seu próprio sentido, o lugar da palavra, a frase ‘Pedro está aqui’ situa Pedro no mundo onde a fala [o discurso] acontece, dentro do que chamamos ‘realidade’. Compreendemos que a presença de dêiticos no discurso de ficção coloca problemas para a teoria literária. Como um enunciado pode ser narrado em um mundo imaginário, se ele contém palavras que o ligam ao mundo da enunciação ? » (Idem, p. 310).

Aplicando este mesmo questionamento para o gênero literário HQ, percebemos que o amálgama imagem-texto verbal distancia a HQ da literatura puramente verbal. **Ocorre que não temos, na HQ, uma situação de enunciação real. Não podemos, como pleiteia G. Kleiber, centrar a busca do referente sobre o contexto do enunciado (relações espaciais-temporais).** Na HQ, como na literatura tradicional, ocorre a simulação de situações discursivas reais, ainda que as imagens sejam sugestivas representações do que seria « real ». As imagens seqüenciais representam a narrativa. Signos a uma só articulação (*ícones*, segundo a classificação sígnica de Saussure) estão imbricados com signos duplamente articulados (também designados *signos*, de acordo com a nomenclatura de Saussure)⁴. A facilidade de leitura que oferecem as imagens, ou ícones, associadas às palavras, fazem com que a HQ prescindia de vários elementos verbais que seriam necessários para que houvesse coerência em um texto puramente verbal. Desta forma, é criado um gênero literário no qual os quadrinhos adquirem sentido, na narração, na construção de sentidos, nos quadrinhos, permeados por elipses — que existem como um fio condutor invisível, que dá sentido ao conjunto. Os sinais gráficos simulam movimento e a sonorização ocorre por meio das onomatopéias. Assim, não podemos aplicar à HQ a mesma noção de dêixis de situações discursivas ditas « reais ».

⁴ Cf. *Curso de Lingüística Geral*, F. de Saussure.

Diante das teorias existentes sobre dêixis e de sua incapacidade de abranger o gênero literário (a ficção), sobretudo a HQ, devemos buscar a construção de novas teorias, que dêem conta da aplicabilidade dos dêiticos em HQs e da função destes, que deixa de ter seu referente na situação de enunciação. A utilização dos dêiticos espaciais, em especial, chama a atenção nas HQs em virtude de uma arquitetura própria ao gênero, que não encontra semelhança nem mesmo no cinema, arte tida como a mais próxima da HQ. A HQ, como já sublinhamos, não é um gênero textual unicamente verbal. Não temos aí situações de enunciação reais, e por isso não podemos centrar a busca do referente dêitico no contexto do enunciado (relações espaciais-temporais). Na HQ ocorre a simulação de situações discursivas reais, como já enfatizamos, e isso cria novas funções para os dêiticos — funções retóricas.

De fato, não há definição amplamente reconhecida para essas operações e para as palavras que apresentam grande labilidade referencial. Para contribuir com os estudos sobre dêiticos (terminologia que adotamos, em vez de *embrayeurs*), estudamos o papel de certos advérbios locativos franceses, *ici*, *là* e *là-bas*, no discurso de algumas histórias em quadrinhos (HQ), em nossa monografia de mestrado (*DEA*). Em português do Brasil nos pareceu coerente o estudo de advérbios correspondentes — *aqui*, *aí* e *lá* — apesar de *aí* não apresentar a mesma flexibilidade de emprego de *là*, do francês. As classificações dadas aos dêiticos estudados definem referentes e função em situações de enunciação reais. Na HQ, o uso dêitico dessas palavras é deslocado e as idéias de referente e mostração, em virtude do amálgama discursivo envolvendo imagem e palavra, entram em conflito.

II. DÊITICOS ESPACIAIS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Nosso questionamento, diante de todas as teorias e seus conceitos sobre dêixis e anáfora, em situações de enunciação reais ou textos verbais escritos, é: Como aplicar essas teorias ao emprego de dêiticos espaciais no gênero literário História em Quadrinhos (HQ)? A HQ não é um texto unicamente verbal. Também não temos uma situação de enunciação real, e por isso não podemos, como quer Kleiber, centrar a busca do referente sobre o contexto do enunciado (relações espaciais-temporais). Ocorre, na HQ, a simulação de situações discursivas reais por meio das imagens seqüenciais, que representam a narrativa. Os sinais gráficos simulam movimento e a sonorização ocorre por meio das onomatopéias. Dentro desse contexto, não podemos aplicar à HQ a mesma teorização dada às situações de enunciação ditas « reais ».

J-CH Smith (1990) e C. Kerbrat-Orechionni (1999) estabelecem para *ici* (*aqui*), *là* (*aí*) e *là-bas* (*lá*) relações espaciais e referenciais que se transformam nas HQ. Como já afirmamos, ressaltaremos o caráter flexível do *là* francês, que pode ser utilizado como *aqui*, *ali* e *aí*, em contraste com o *aí* do português do Brasil, que estabelece uma relação de proximidade com o interlocutor e distanciamento do locutor (menos distanciamento do que *lá*). Em razão da flexibilidade do advérbio francês, Kerbrat-Orechionni o classifica como « neutro », enquanto *ici* (*aqui*) traria a noção de proximidade com o locutor e *là-bas* (*ali*), distanciamento. Não há similar, no português, ao *là* francês. Tomamos o *aí* para análise em virtude de suas características: ele representaria menos proximidade com o locutor e mais com o interlocutor, em contraste com o *aqui* e o *lá*.

Nosso objeto de estudo consiste em algumas histórias em quadrinhos *Asterix, o gaulês*, de Uderzo e Goscinny, que podem representar uma amostragem significativa desse gênero literário. Ao contrário das situações reais de discurso, *aqui* também tem como função reforçar a idéia da existência de um sujeito que fala. Parece-nos que *aqui* é utilizado como um elemento que fixa o

que foi criado para sustentar a narrativa, evitando « as rupturas que comprometeriam sua inteligibilidade [no caso, da história da HQ] » (JEANDILLOU, 1997, p. 81) como gênero literário verbal e pictórico.

A noção de que *aqui* deve ser o lugar de onde alguém necessariamente fala sublinha que esse sujeito está ou esteve na situação/cena onde *aqui* foi pronunciado, mesmo se sua imagem não aparece. De fato, « *aqui* pode se utilizar fora da situação de mostraçãõ. Ele designa simplesmente o lugar onde se produz a ocorrência. (...) » (PERRET, 1991, p. 144). Não á toa a HQ é chamada, como já sublinhamos, de « arte da elipse », tantos são os espaços não ditos e não mostrados da narrativa. Com as várias mudanças de cenário que se passam na HQ, é importante assegurar ao leitor uma condição de veracidade para cada personagem, lugar e cena mostrados nos quadrinhos. A utilização de *lá*, por outro lado, nos envia além, o que necessariamente aponta para um lugar em geral fora do quadrinho de onde se fala rumando para outro quadrinho — o lugar do qual se fala, distante do locutor e do interlocutor. Assim, a progressão e a coesão do texto são mantidas. Esse lugar, anunciado por um personagem ou por um narrador onisciente, não é menos real que o *aqui* que fixa o lugar de onde se fala.

A imbricação estreita desses elementos, que alternam as noções de afastamento e aproximação, parece levar o texto a andar segundo um sistema aparentemente contraditório. Contudo, de acordo com o que constatamos em Jean-François Jeandillou (1997), « o texto inteiro aparece como um campo de forças onde se exerce uma tensão permanente, semântica e formal, entre a referência ao ‘já dito’ e a orientação em direção a um fim » (JEANDILLOU, 1997, p. 81). Como já havíamos compreendido, a utilização de *ai* é mais flexível em relação a *aqui* e *lá*. Kerbrat-Orechionni, em relação a seu esquema ternário para os advérbios locativos do francês, diz que « (...) a oposição não é binária, como no inglês (*here* = proximidade, *there* = afastamento), mas ternária. Em realidade, no uso atual, *là* [do Francês] neutraliza a oposição *ici/là-bas*. » (Kerbrat-Orechionni, 1999, p. 50). Podemos, ressalvadas as diferenças estabelecidas pelo *ai* da língua portuguesa do Brasil, adotar o mesmo esquema.

O uso dos advérbios locativos, na HQ, serve sobretudo para assegurar a coesão textual, a partir de dois movimentos : o primeiro, por meio do emprego de *aqui*, fixa o lugar da enunciação do discurso, a identidade e a existência do locutor. Tornam-se possíveis, assim, as seqüências que introduzem os novos elementos da narrativa. *Aqui*, como elemento saturado, fixa as idéias de cenário e locutor como « realidades » pelas quais a história pode se desenvolver. O segundo movimento é o de progressão. A utilização de *lá* prenuncia os deslocamentos dos personagens e as mudanças de cenário. Invariavelmente o uso de *lá* alarga o espaço do quadrinho, indo em direção a um novo lugar sem que o esquema textual sofra um corte temático. *Lá* introduz a aparição de novos cenários sem que isso se torne ilógico na seqüência narrativa. Como havíamos percebido, *ai* neutralizaria a oposição *aqui* x *lá*, já que pode ser utilizado afim de proporcionar efeitos de aproximação e de distanciamento, ora destacando o locutor, ora destacando o interlocutor.

III. UMA CONCLUSÃO E VÁRIOS QUESTIONAMENTOS

Por fim, é importante percebermos que a construção da linguagem da HQ nos conduz a repensar as noções de oposição existentes entre anáfora e dêixis, tão bem sublinhadas por Georges Kleiber. Na HQ as palavras de sentido dêitico não têm, necessariamente, um emprego dêitico, condição *sine qua non* para a existência de palavras de sentido dêitico (ressalte-se que o inverso não é verdadeiro) : elas devem ter, necessariamente, emprego dêitico, o que é desfeito pelo esquema narrativo da HQ. Ou seja : as palavras aqui estudadas têm um sentido dêitico, mas não têm um emprego dêitico — o que G. Kleiber insiste em evidenciar a respeito da dêixis, quando discorre acerca do equívoco do termo « expressão dêitica » (KLEIBER, 1986, p. 17). O ato de mostraçãõ não vai mostrar ou indicar algo que já não tenha sido visto, sobretudo no caso de dêiticos não-lacunares, como os pronomes demonstrativos, por exemplo. Os sentidos formados pelas imagens, signos a uma só articulação, são lidos mais rapidamente que a linguagem verbal, formada pelos signos de dupla articulação — as palavras. **Os dêiticos, na HQ, passam a ter mais uma função retórica que realmente dêitica.**

Assim, acreditamos que temos pistas para descobrir se é possível a existência de um verdadeiro sentido dêitico na HQ, já que toda palavra em operação de *embrayage* sofre, primeiro, uma operação anafórica no que concerne a integração imagem/discurso na narrativa da HQ. A operação de *embrayage*, nesse gênero literário, sofre nova ordenação e adquire funções ligadas mais a uma arquitetura textual fundada sobre a elipse que sobre a necessidade de se mostrar alguma coisa, já que a imagem é, ela mesma, o objeto lido antes que as palavras designem o referente do dêitico utilizado. Esse referente não é localizado pelo gesto, que é fictício. Os dêiticos estudados contribuem para assegurar a coesão da narrativa em histórias em quadrinhos, construindo suas noções de fixação e deslocamento. Nossa abordagem se desenvolve rumo a uma análise centrada sobre aspectos reveladores da imbricação da linguagem verbal e da linguagem pictórica, ou icônica. Esperamos, desta forma, contribuir para o desenvolvimento de pesquisas lingüísticas em curso sobre a dêixis.

REFERÊNCIAS

- DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo, Cultrix, 2001.
- DUCROT, Oswald et SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau Dictionnaire Encyclopédique de Sciences du Langage**. Paris, Seuil, 1995.
- JEANDILLOU, Jean-François. **l'Analyse Textuelle**. Paris, Armand Colin, 1997.
- KERBRAT-ORECHIONNI, Cathérine. **l'Enonciation**. Paris, Armand Colin, 1999.
- KLEIBER, Georges. **Anaphores et Pronoms**. Louvain-la-Neuve, Duculot, 1994.
- KLEIBER, Georges. Deictiques, Embrayeurs, 'Token-Reflexives', Symboles Indexicaux etc. : Comment les définir ? L'Information Grammaticale. Número 30, p. 3 –22, 1986.
- PERRET, Michèle. Enonciation, Deixis, Embrayage : Préhistoire et Histoire. In: PERRET, M. **Le Signe et La Mention (adverbes embrayeurs ci, ça, la, iluec en moyen français – XIV^e - XV^e siècles)**. Genève: Librairie Droz. p. 5-21, 1988.
- PERRET, Michèle. l'Opération d'Embrayage: Description et Terminologie. In: PERRET, M. **Le Signe et La Mention (adverbes embrayeurs ci, ça, la, iluec en moyen français – XIV^e - XV^e siècles)**. Genève: Librairie Droz. p. 22-39, 1988.
- PERRET, Michèle. Le Micro-Système des Embrayeurs CI/ICI, ÇA, LA, ILUEC en Moyen Français: Propriétés et Procédures de Répérage. In: PERRET, M. **Le Signe et La Mention (adverbes embrayeurs ci, ça, la, iluec en moyen français – XIV^e - XV^e siècles)**. Genève: Librairie Droz. p. 40-54, 1988.